



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



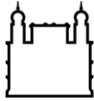
ICICT
Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO COMO
POSSÍVEL SOLUÇÃO PARA MINIMIZAR O
EFEITO DAS *FAKE NEWS***

Rio de Janeiro

2019



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO COMO POSSÍVEL SOLUÇÃO PARA MINIMIZAR O EFEITO DAS *FAKE NEWS*

NÁDIA DA SILVA ALEXANDRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Orientadora: Dra. Cícera Henrique da Silva

Rio de Janeiro

2019

RESUMO

Recebemos, produzimos e compartilhamos informação a todo instante no mundo virtual, fortalecemos laços afetivos com familiares e amigos, além da possibilidade de criarmos novos laços com novas pessoas. As mídias sociais são grandes facilitadoras da comunicação, por proporcionarem de forma rápida a disseminação da informação. Ao recebermos uma mensagem, confiamos na pessoa que está compartilhando e não analisamos elementos básicos para verificar se a notícia é falsa ou não. O objetivo do projeto é compreender como a Competência em Informação pode contribuir para minimizar os efeitos provocados pela desinformação em torno das *Fake News* lançadas nas mídias sociais, em especial na área da saúde. Para tanto, faremos uma pesquisa exploratória em que será realizado um levantamento bibliográfico na literatura nacional e internacional sobre os temas: *fake news*, desinformação e competência em informação. Apontamos como possível solução minimizar o efeito de desinformação a Competência em Informação, uma vez que o cidadão competente analisa de forma crítica e ética a informação.

Palavras-chave: Desinformação. Fake News. Competência em Informação. Mídias Sociais.

LISTA DE SIGLAS

ALA	American Library Association
BRAPCI	Bases de Dados Brasileira em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ColInfo	Competência em Informação
IL	Information Literacy
LILACS	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciência da Saúde
LISA	Library and Information Science Abstract
SUS	Sistema Único de Saúde
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	7
3	REFERENCIAL TEÓRICO	9
3.1	DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS	9
3.2	FAKE NEWS NA SAÚDE	11
3.3	COMO IDENTIFICAR FAKE NEWS?	12
3.4	CONTEXTUALIZAÇÃO DA <i>INFORMATION LITERACY</i>	14
3.4.1	No Mundo	14
3.4.2	No Brasil	18
4	OBJETIVOS	20
4.1	OBJETIVO GERAL	20
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
5	METODOLOGIA	21
6	RESULTADOS ESPERADOS	223
7	CRONOGRAMA	24
8	ORÇAMENTO	25
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

A evolução das tecnologias da informação e comunicação trouxeram impacto em todas as atividades humanas, além de trazerem inovações frequentes aos canais de comunicação (ARCHER; CIANCONI, 2010). A chamada web 2.0, conhecida também por web social, possibilitou ao usuário a troca de informação; pois “[...] trata-se de um ambiente de interação e colaboração que engloba inúmeras facilidades e motivações para a participação dos usuários e troca de experiências e opiniões” (ARCHER; CIANCONI, 2010, p. 64).

É inegável os benefícios proporcionados pelo advento das tecnologias de informação e comunicação, no entanto apontamos neste projeto um problema evidente ocasionado pelos avanços da tecnologia; as notícias falsas, conhecidas também por *Fake News*.

“O primeiro impulso humano é acreditar na informação que recebe, por confiar na pessoa e também porque é impossível, na vida cotidiana, checar todas as informações que recebemos todos os dias” (RENARD, 2007 apud GARCIA, 2017, p. 35). E talvez por este problema “as informações do cotidiano são mais vulneráveis às “contaminações”, uma vez que não pressupõem rigor em sua produção e, ainda, são abertas à participação de diferentes atores” (ZATTAR, 2017, p. 288).

Garcia (2017, p. 30) afirma que “[...] o simples fato de usar a internet não significa que o indivíduo tenha plena capacidade de compreensão da informação encontrada, ou saiba utilizá-la”. Isso ficou claro na última eleição americana em 2016 e na eleição presidencial de 2018 no Brasil, onde a campanha eleitoral foi marcada pela circulação de *Fake News* e desinformação. Presente em todas as áreas, as *Fake News* atuam também no campo da saúde. Segundo Henriques (2018), o alastramento de notícias falsas na área da saúde se dá por parte da população brasileira ter pouco conhecimento sobre área, somado à ansiedade causada pelas notícias que envolvem doenças e epidemias. A disseminação é ainda mais rápida quando o assunto trata de doenças graves e ameaçadoras a vida do homem.

O objetivo do projeto é compreender como a Competência em Informação pode contribuir para minimizar os efeitos provocados pela desinformação em torno das *Fake News* lançadas nas mídias sociais, em especial na área da saúde. Uma vez que, umas

das finalidades da Competência em Informação é avaliar de forma crítica a informação “segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos” (DUDZIAK, 2003, p. 29).

A proposta é composta por esta introdução, seguida da justificativa, referencial teórico, objetivo geral e específico, metodologia, resultados esperados, cronograma, orçamento e referências utilizadas para elaboração do marco teórico.

No próximo capítulo se dissertará sobre a justificativa que motivou a proposta do projeto. No capítulo 3 será apresentado o referencial teórico dividido em quatro seções. A primeira contextualizará o conceito de desinformação e *Fake News*. A segunda seção apontará algumas *Fake News* lançadas na área da saúde. Posteriormente, serão indicadas algumas medidas para verificar a fidedignidade da informação, pois acreditamos que tal medida contribuirá para a diminuição dos efeitos das *Fake News*. Por fim, será abordada a historicização da *Information Literacy* no Mundo e no Brasil, sua conceituação e definições.

2 JUSTIFICATIVA

Sabemos que as notícias falsas não são nenhuma novidade, porém, na atual conjuntura, isso vem preocupando especialistas devido a sua rápida disseminação por conta das tecnologias de informação.

A eleição americana de 8 de novembro de 2016 que elegeu o atual presidente Donald Trump fez acender os debates sobre *fake news*, visto que sua campanha eleitoral foi marcada por falsas notícias. Reforçando o que foi dito anteriormente, Brisola e Bezerra (2018, p. 3317) afirmam que “a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, a saída do Reino Unido da União Europeia e o escândalo envolvendo o Facebook e a Cambridge (empresa que atuou nas duas campanhas mencionadas), incendiaram os debates internacionais”. Segundo Afonso Benites, do jornal El País, “o Facebook reconheceu que até 126 milhões de seus usuários foram expostos a publicações de uma empresa ligada ao Kremlin chamada Internet Research Agency durante as eleições presidenciais, o equivalente a um terço da população norte-americana”. (BENITES, 2018)

Semelhante à eleição dos Estados Unidos, o Brasil teve sua campanha eleitoral de 2018 marcada pela propagação de mentiras camufladas como notícias; vídeos que tentavam desmentir publicações negativas da imprensa, descrença nas pesquisas e falsos apoios de celebridades à candidatura do atual presidente. O discurso vendido era da necessidade de usar plataformas de grande acesso dos brasileiros e de difícil monitoramento para combater as grandes mídias (MARS, 2018).

Notícias falsas não ocorrem apenas no campo político, elas ocorrem em todas as áreas, inclusive na saúde. Segundo Henriques (2018), isso ocorre devido a maior parte da população ter pouco conhecimento sobre a área. A situação fica ainda mais grave quando essas falsas notícias giram em torno de doenças graves e ameaçadoras (HENRIQUES, 2018).

O caso mais recente envolveu a doença da Febre Amarela. Em paralelo às campanhas de prevenção disponibilizadas pelos principais meios de comunicação, surgiram diversas *Fake News* sobre a doença que suscitaram dúvidas quanto à eficácia da vacinação e foram rapidamente viralizadas e compartilhadas nas mídias sociais (*Facebook, Instagram e Whatsapp*).

No campo científico, para validar uma informação, é necessário um estudo de campo com levantamento bibliográfico para a reprodução da experiência, a fim da aprovação de seus pares, o que torna a desinformação mais restrita. Em contrapartida, as informações do cotidiano, acessíveis ao usuário “comum”, são mais suscetíveis às modificações e, conseqüentemente, às Fake News, uma vez que são ignorados elementos essenciais para detectar a qualidade da informação, como: autor, data de publicação, editor (ZATTAR, 2017a). Segundo Brisola e Bezerra (2018, p. 3324), “a estrutura de redes sociais digitais como Facebook e Whatsapp é em grande medida diferente das anteriores, pela propagação fácil e potencialmente abrangente sem verificação ou julgamento editorial.”

Ao recebermos uma informação através das redes sociais (*Facebook, Whatsapp, Instagram*) muitas vezes não verificamos se a informação é consistente, isto é verdadeira ou não, e compartilhamos de forma indiscriminada com nossa rede de amigos, este fluxo de informação geralmente propaga as famosas Fake News. Sabe-se que é humanamente impossível averiguarmos todas as informações que recebemos, entretanto devemos ser capazes de identificar qual informação irá agregar ao nosso conhecimento.

Neste contexto, surgiram os serviços “*fact check*”, traduzido para o português como “verificação dos fatos”, com o propósito de verificar o grau de autenticidade da informação disseminada. Em nível nacional e internacional fornecemos alguns exemplos de empresas que utilizam e desenvolvem esse recurso, o FactCheck.org, o Chequeado, o Truco e a Lupa (ZATTAR, 2017a).

O Ministério da Saúde, tentando combater as *Fake News* lançadas nas redes sociais sobre a saúde, disponibilizou um número de *whatsapp* para envio de mensagens que viralizam na internet, onde são averiguadas por uma equipe técnica seu grau de fidedignidade. No entanto, o Ministério da Saúde ressalta em seu Regulamento de Termo de Uso que não tem prazo pré-definido para atender a demanda, visto que cada assunto tem seu nível de complexidade.

A proposta desta introdução é apontar a Competência em Informação como possível solução para minimizar os efeitos da *Fake News*, uma vez que os componentes da *Information Literacy* são, segundo Dudziak (2001): processo investigativo; aprendizado ativo; aprendizado independente; pensamento crítico; aprender a aprender; aprender ao longo da vida.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS

A evolução das tecnologias da informação e comunicação trouxe impacto em todas as atividades humanas, além de trazer inovações frequentes aos canais de comunicação (ARCHER; CIANCONI, 2010).

É inegável os benefícios proporcionados pelo advento das tecnologias de informação e comunicação, no entanto, um problema evidenciado pelos avanços da tecnologia é a circulação das notícias falsas, conhecidas também por boatos e *Fake News*.

Este fenômeno não é exclusivo do século XXI, segundo Kapferer (1990 apud GARCIA, 2017, p 35) “a circulação de informações alternativas existe desde que o homem começou a se organizar em sociedade, um fenômeno tão antigo quanto a palavra humana”. Antigamente, as notícias falsas eram também conhecidas como boatos que é definido pelo autor Reules (2008 apud GARCIA, 2017, p. 35) como

“[...] enunciados breves, de criação anônima (desconhecida), com múltiplas variantes e conteúdo surpreendente, passados adiante num meio social como verdadeiros e atuais, expressando parte dos medos e esperanças de um determinado grupo entre o qual circula” (REULE, 2008 apud GARCIA, 2017, p. 35).

No campo das mídias sociais (*Facebook, Whatsapp e Twitter*), as notícias falsas ganharam uma nova terminologia, as chamadas *Fake News*. Assim como os boatos, as *Fake News* são “informações falsas, imprecisas ou enganosas, formuladas, apresentadas e divulgadas com objetivo de causar intencionalmente danos públicos ou com fins lucrativos” (BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3320).

Visto a semelhança na definição dos termos boatos e *Fake News*, iremos adotar neste projeto o termo *Fake News*, uma vez que na atualidade ele está sendo utilizado para tratar de notícias falsas circuladas nas mídias sociais.

O número de informação disponível é cada vez maior na internet. Segundo Zattar (2017a), as informações do dia a dia são mais passíveis de “contaminações”, por não possuírem rigor em sua produção além de serem abertas a cooperação de diversos autores.

Acrescentamos ainda, um outro problema referente as informações do cotidiano:

a disseminação da informação sem a checagem da veracidade dos fatos. Conforme Costa e Zattar (2018, p. 83)

algumas ferramentas sociais, além de promoverem a interação entre usuários, também estão ganhando notoriedade nos níveis de compartilhamento de informações diversas, tendo como exemplo as mídias sociais (Facebook, Twitter, WhatsApp) que estão possibilitando nova dinâmica informacional, mas com uma parcela preocupante que vem tomando um espaço cada vez maior: a desinformação.

Atualmente, a sociedade é marcada como distinta em função da importância creditada à informação e da inserção das tecnologias de informação e comunicação (ZATTAR, 2017b).

O conceito de desinformação é antigo, tendo surgido no contexto ligado ao militarismo, quando notícias falsas eram transmitidas através da rádio a fim de proteger a integridade de determinada tropa. Outra medida adotada na época era a confecção de relatórios fraudulentos a fim de enganar o inimigo sobre possíveis ataques que não tinham ocorrido (COSTA; ZATTAR, 2018).

Conforme Brisola e Bezerra (2018, p. 3319), desinformação “envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde”. Ainda segundo estes autores, a desinformação não é obrigatoriamente falsa, muitas vezes, refere-se a distorções ou fragmentos da verdade.

Os autores são categóricos ao citarem alguns dos mecanismos de desinformação; neste projeto, destacamos quatro dos citados por Brisola e Bezerra (2018, 3320-3321), como:

- a) A dificuldade do usuário/leitor de interpretar as origens, fundamentos, contextos, funcionamentos e motivações das informações e fatos [...];
- b) O excesso de informação e a dificuldade em filtrar e selecionar as informações;
- c) A adesão ou condução a uma interpretação e visão de mundo que já vem prontas;
- d) A produção e disseminação de informação sem contexto nem antecedentes, de forma incompreensível, com pontos de vista e escolhas tendenciosas.

Neste sentido, o conceito de desinformação recai para duas ideias *disinformation* e *misinformation*. Ambos os conceitos se referem a informação enganosa, no entanto, *disinformation* trata-se de um engano proposital, em contrapartida, *misinformation* refere-se à uma informação imprecisa que pode conduzir pessoas ao engano.

Don Fallis (2015) enfatiza que para um tratamento crítico da informação é necessário compreendermos exatamente o que é *disinformation*. Partindo da análise de diversos autores e cientistas da informação, Fallis (2015) conclui que desinformação seria uma informação intencionalmente inverídica que tem por finalidade enganar as pessoas, podendo provocar efeitos “colaterais”.

De acordo com Fallis (2015), existem três aspectos importantes de *disinformation*. Primeiro, *disinformation* é um tipo de informação. Segundo, *disinformation* é uma informação enganosa. Terceiro, *disinformation* pode ser uma informação acidentalmente enganosa. Para Fallis (2015), apesar da impossibilidade de uma análise que capture o conceito de desinformação em sua totalidade, a mesma deve ser encarada como um protótipo. O autor argumenta que uma análise mais ampla pode contribuir para o desenvolvimento de técnicas que auxiliem a detectar a desinformação e na elaboração de políticas públicas que evitem sua disseminação.

As *Fake News* atuam em todas as áreas, basta um assunto estar em evidência para elas surgirem. Na próxima seção iremos abordar as *Fake News* lançadas na área da saúde.

3.2 FAKE NEWS NA SAÚDE

O alastramento de notícias falsas na área da saúde se dá por grande parte da população brasileira ter pouco conhecimento sobre área, somado à ansiedade causada pelas notícias que envolvem doenças e epidemias. A disseminação é ainda mais rápida quando o assunto trata de doenças graves e ameaçadoras à vida do homem (HENRIQUES, 2018).

É positivo que alertas e orientações cheguem logo para todos; entretanto, isso acontece com informações úteis e também com notícias falsas [...]. Em contraposição aos objetivos da educação em saúde pública, informações equivocadas podem levar a diversos comportamentos e atitudes geradores de risco, seja pela indução ao uso de tecnologias inadequadas, como medicamentos e vacinas sem indicação, ou, no outro extremo, pela rescusa a tecnologias e medidas de proteção necessárias [...] (HENRIQUES, 2018, p. 10)

As notícias falsas, conhecidas como *fake news*, não são problemas exclusivos do século XXI. Henriques (2018, p. 12) relembra fato ocorrido em 1998

Um dos casos mais escandalosos de fraude científica aconteceu justamente quando um pesquisador britânico – Andrew Wakefield – publicou, com outros doze autores, um artigo na importante revista *Lancet*, em que afirmava uma correlação causal entre a vacina tríplice

viral (contra rubéola, sarampo e caxumba) e a ocorrência de autismo.

Ainda segundo o autor, anos mais tarde, foi revelado que a pesquisa não passava de uma fraude. A revista Lancet teve que se retratar sobre o caso e Andrew Wakefield teve seu registro médico cassado. As investigações concluíram que a circulação desta *fake news* foi movida por interesses econômicos (HENRIQUES, 2019).

Através de vídeos, textos e imagens, os conteúdos incluem relatos sem provas, pesquisas científicas desvendadas há décadas e argumentos sem qualquer fundamentação (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

As vacinas lideram o assunto quando se trata de boatos e *fake news*, e segundo a Agência Brasil (2019), mais de cem notícias falsas foram desmentidas pelo Ministério da Saúde em apenas um ano. Os ataques giram em torno da credibilidade da imunização fornecida gratuitamente pelo governo.

Conforme texto de Stevanim (2019) publicado na Revista Radis (2019), da Fundação Oswaldo Cruz, essas notícias falsas trouxeram impacto negativo na campanha de vacinação contra a febre amarela no ano de 2018 no Brasil, uma vez que reforçaram os anseios e os “mitos” gerados em torno da vacinação somados à descrença nas políticas públicas de Atenção Primária e o sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na seção a seguir, apontaremos algumas medidas para verificar a fidedignidade da informação. Acreditamos que tal medida contribuirá para a diminuição dos efeitos das *Fake News*.

3.3 COMO IDENTIFICAR *FAKE NEWS*?

A fim de minimizar os impactos causados pelas *fake news*, as agências de notícias criaram um serviço chamado de *fact check*, na tradução para o português “verificação de fato”. Este serviço de checagem de notícias busca verificar os níveis de veracidade da informação. O FactCheck.org, o PolitiFact, Truco e Lupa são algumas das empresas que desenvolveram serviço de checagem (ZATTAR, 2017a).

A *The International Federation of Library Association and Institutions* (IFLA), com base no artigo publicado no ano de 2016 pela FactCheck.org elaborou um infonográfico, em que aponta oito passos para se verificar se a notícia é verdadeira ou não passa de *fake news* (Figura 1).

Figura 1 – Como identificar notícias falsas



Fonte: International Federation of Library Association and Institutions (2019)

A figura 1 mostra os oito pontos cruciais para o processo de checagem de fatos. O primeiro se refere à orientação de investigação, isto é, verificar a procedência da informação, levantar dados da fonte da informação. O segundo ponto se refere à leitura profunda da informação, o que poderia minimizar a situação, pois como afirmam as autoras Costa e Zattar (2018, p. 84) “a maioria das informações que se encaixam nos parâmetros da *Fake News* possuem títulos sensacionalistas para chamar a atenção”.

O terceiro ponto é a verificação de autoria, ou seja, verificar quem escreveu aquela informação e se de fato o autor existe. O quarto ponto está ligado ao embasamento da informação, isto é, se os *links* levam de fato a notícia. Quando a informação vem em forma de humor e preconceito, aconselha-se uma pesquisa afim de sanar dúvidas sobre prováveis sátiras.

A verificação de datas também é de suma importância, uma vez que a informação desatualizada se encaixa nos termos da desinformação. E por último, a consulta aos especialistas, ao qual o indivíduo pode solicitar ajuda ao bibliotecário ou

mesmo ir a sites de verificação de informação.

Na próxima seção, apresentaremos a historicidade do termo Competência em Informação no Mundo e no Brasil, seu conceito e sua definição.

3.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA *INFORMATION LITERACY*

A expressão *Information Literacy* surgiu pela primeira vez há mais de 40 anos no relatório elaborado pelo bibliotecário americano Zurkwoski. Nos últimos anos, seu conceito vem sendo discutido fortemente. Nesta seção, iremos abordar toda a historicização da *IL* até o momento, no mundo e no Brasil.

3.4.1 No Mundo

Década de 70

A terminologia *information literacy* surgiu no ano de 1974 no relatório denominado *The information service environment relationships and priorities*, do bibliotecário norte-americano Paul Zurkwoski. Em seu trabalho, Zurkwoski apresentou “uma série de produtos e serviços de informação promovidos por instituições privadas e suas relações com as bibliotecas” (DUDZIAK, 2001, p. 21), no qual enfatizava a importância de um movimento nacional em direção a *Information Literacy*.

Dois anos depois, no simpósio da Biblioteca da Universidade do Texas, o termo *information literacy* reapareceu com o significado mais abrangente, relacionado a uma série de habilidades e conhecimentos, incluindo a localização e o uso da informação para solução de problemas e tomadas de decisão. Por sua vez, Robert S. Taylor e Eugene Garfield abordaram a questão da capacitação em informação como a dominação de técnicas e habilidades de uso das ferramentas informacionais para solução de problemas, um dos quesitos para a competência em informação (DUDZIAK, 2003, p. 24).

A década de 70 se caracterizou pelo consenso de que a informação é fundamental para a sociedade. Consequentemente, “um novo conjunto de habilidades era preciso para o uso eficiente e eficaz da informação, bem como no uso de ferramentas de acesso e resolução de problemas” (DUDZIAK, 2001, p. 25).

Década de 80

Em contrapartida, a década de 80 foi marcada fortemente pelo desenvolvimento das novas tecnologias de informação. Deste modo, a maneira como a informação era tratada, organizada e acessada foi alterada (BELLUZZO, 2014). Este processo foi bastante expressivo nos Estados Unidos.

A ascensão e difusão da tecnologia da informação alteraram as bases de produção, controle, guarda, disseminação e acesso à informação, colocando o computador como foco e alterando definitivamente as bases dos sistemas de informação: bancos de dados *online*, comunicações via satélite, serviços de indexação e resumos, implementação de complexos sistemas de informação governamentais, serviços de alerta, redes de bibliotecas, as chamadas novas tecnologias como microcomputadores, TV a cabo, CD-ROM, etc. (DUDZIAK, 2001, p. 25).

Neste período, a *IL* adquiriu o sentido de capacitação em tecnologia da informação, ganhando cada vez mais espaço no ambiente profissional, dando início a sua implementação nas escolas secundárias. Com base no estudo de usuários, realizado por Breivik (1985), somado à divulgação do documento governamental americano (*Nation at Risk*) e a publicação do *Information Power*, os profissionais da informação buscaram enfatizar as relações presentes entre bibliotecas e educação, a *IL* e o aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2003).

Em 1987, Carol C. Kuhlthau em sua monografia, intitulada “*Information Skills for Information Society: a review of research*”, destacou a educação voltada para *information literacy*, sob dois eixos principais:

- A integração da *Information Literacy* ao currículo, a partir da proficiência em investigação, identificada como a meta das bibliotecas do ensino médio;
- O amplo acesso aos recursos informacionais, cruciais ao aprendizado estudantil, a partir da apropriação das tecnologias de informação. Os estudantes usam as tecnologias de informação como ferramentas na busca pelas informações mais apropriadas ao seu aprendizado (KUHALTHAU, 1987 apud DUDZIAK, 2001, p. 28-29).

Ao integrar a *information literacy* ao currículo, a autora entendia que a *IL* não deveria ser compreendida como uma disciplina isolada, mas sim em equilíbrio com o universo do aprendiz.

No mesmo ano, a Universidade de Columbia e a Universidade do Colorado nos Estados Unidos realizaram o simpósio *Libraries and the Search for Academic Excellence* com objetivo de determinar o papel das bibliotecas universitárias na reforma

educacional (DUDZIAK, 2001, p. 29). Neste momento, percebia-se a necessidade de cooperação entre bibliotecários e docentes.

Dois documentos foram fundamentais e ambos destacavam o papel educacional das bibliotecas universitárias e a relevância dos programas educacionais em *information literacy* para melhor capacitação dos estudantes.

O primeiro foi o livro produzido em 1989 por Patricia S. Breivik e E. Gordon Gee denominado “*Information Literacy: Revolution in the Libray*”, marcado pela ênfase na cooperação entre bibliotecários e administradores das universidades. Breivik e Gee incorporaram o conceito da educação baseado em recursos, com foco nos processos de construção do conhecimento através da busca e uso da informação (DUDZIAK, 2003).

Já o segundo documento, foi produzido em 1989 pela *American Libracy Association*, por meio do *Presential Committe on information literacy: Final Report*, organizado por um grupo de bibliotecários e educadores cuja ênfase se deu na importância da *information literacy* para indivíduos, trabalhadores e cidadãos. Neste mesmo relatório, reforçava-se o papel da informação como solução de problemas e tomadas de decisão (DUDZIAK, 2001).

Somente na segunda metade da década de 80, a *IL* começou a ser reconhecida como fundamental à Sociedade da Informação, em especial, para Educação. Dudziak (2001, p. 33) destacou que, naquele momento, os avanços tecnológicos “possibilitavam maior acesso à informação e os espaços informacionais já ultrapassavam os limites da biblioteca”. A temática era cada vez mais discutida entre os educadores e profissionais da informação.

Deste modo, novos conceitos foram incorporados a expressão *IL*, como: “[...] aprender a aprender, aprendizado ao longo da vida, pensamento crítico, educação baseada em recursos, integração curricular, aprendizado independente”. (DUDZIAK, 2001, p.34). Nesta perspectiva, a biblioteca passou a ser entendida como um espaço de aprendizagem.

Década de 90

A década de 90 foi marcada pela consolidação da definição dada pela *American Libracy Association* sobre o termo *information literacy*. Logo, uma série de programas educacionais pautados em *IL* começaram a ser implementados no mundo todo,

sobretudo, nas bibliotecas universitárias com a cooperação de educadores. (DUDZIAK, 2003, p. 26).

Os profissionais da informação, conscientes da necessidade de possibilitar o acesso rápido e fácil ao novo universo informacional, de maneira eficaz e eficiente, voltaram-se para a *Information Literacy*. Objetivaram então tornar os usuários (agora usuários da informação) aprendizes independentes, enfatizando a integração curricular e a cooperação com a comunidade (DUDZIAK, 2001, p. 35).

Entretanto, a expressão *IL* passou a ser utilizada por muitos bibliotecários como uma alternativa para se referirem à educação de usuários, visto que, não existia uma definição concisa para o conceito de *information literacy* nas instituições americanas.

Em 1990, a diretora do *California Technology Project and Telemation Project* dos Estados Unidos, Cristina S. Doyle buscou uma definição para *information literacy* com base em suas experiências conduzidas junto ao grupo chamado *National Forum on Information Literacy*, em resposta às recomendações da ALA (DUDZIAK, 2001). Assim como afirmou Dudziak (2003, p. 26)

Doyle traçou as diretrizes da *IL*, considerando-a um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos e valores ligados à busca, acesso, organização e apresentação da informação na resolução de problemas, utilizando, para tanto o pensamento crítico.

Muitos educadores tiveram como foco o uso e a busca da informação, enquanto processo cognitivo para a solução de problemas, conduzindo o aprendiz ao pensamento crítico e criativo. Ao mesmo tempo que aumentavam as preocupações com os processos ligados a *IL*, surgiam neologismos relacionados ao meio digital (DUDZIAK, 2003).

Cristine Susan Bruce, em 1997, estabeleceu o modelo relacional para *information literacy*. Em sua tese, intitulada *Information literacy: a phenomenography* baseou-se nos pontos de vista de Candy e seus colaboradores. Bruce desenvolveu um estudo de caso aprofundado nas experiências de educadores e profissionais de informação de duas universidades australianas para compreender o que vem a ser competente em informação (DUDZIAK, 2003).

No ano posterior, a ALA publicou o relatório *A progress report on information literacy: an update on the American Libray Presidential Committe on Information Literacy: Final Report*. De acordo com Dudziak (2002), a partir do relatório, pretendia-se reforçar a necessidade de adequação de sistemas e profissionais de informação frente a realidade atual de diversidade de recursos e fontes informacionais, ratificando a

necessidade de uma abordagem e participação multidisciplinar.

3.4.2 No Brasil

No Brasil, os pioneiros da *information literacy* foram os bibliotecários que realizaram estudos voltados para educação de usuários. Segundo Dudziak (2001, p. 51), “a primeira referência à educação de usuários foi o curso organizado em 1955 por Terezine Arantes Ferraz”.

Na década de 90, podemos ressaltar dois projetos importantes: o Programa Serviço de Informação em Educação, direcionado para a biblioteca interativa e o Núcleo de Comunicação e Educação, voltado às interrelações entre Comunicação e Educação ambos da Universidade de São Paulo (DUDZIAK, 2002).

A partir dos anos 2000, estudos voltados para a área da Ciência da Informação começaram a ser desenvolvidos. E em 2010, começaram a ocorrer seminários relacionados à Competência em Informação com intuito de divulgar as reflexões e compromissos para a promoção da mesma (ZATTAR; SÁ; SIQUEIRA, 2017).

Em março do ano seguinte, o termo *IL* foi consolidado em âmbito nacional, sendo traduzido oficialmente para a expressão Competência em Informação (ColInfo). Segundo Zattar e Sá (2015), a consolidação da nomenclatura ocorreu no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação na cidade de Maceió (2011). Este seminário originou a publicação denominada de Declaração de Maceió sobre Competência em Informação.

A Competência em Informação vem ganhando espaço entre seus pares sobre sua importância no contexto atual, o que ficou mais evidente após o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação realizado em 2011, onde se intensificaram os eventos sobre a temática ColInfo em todo território nacional; a maioria centralizado na região sudeste, mais precisamente no Rio de Janeiro e São Paulo. Além dos congressos e dos seminários realizados sobre a temática ao longo destes anos, não podemos esquecer

os quinze grupos de pesquisa cadastrados na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que estão localizadas em todas as regiões do território nacional e pesquisam os mais diferentes aspectos da temática ou com a temática (ZATTAR; SÁ; SIQUEIRA, 2017, p. 1543)

Apresentada a historicização da *Information Literacy*, discorreremos sobre o que de fato trata o termo Competência em Informação. Dudziak (2003, p. 28), definiu a

expressão *Information Literacy* como

processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Para a autora, a competência em informação tem como finalidade formar indivíduos que:

- possuem capacidade de definir a natureza e a extensão de sua necessidade de informação;
- dominam o mundo da informação e sejam aptos a identificar e consultar fontes potenciais de informação de maneira eficaz e eficiente,
- sejam capazes de avaliar a informação levando em consideração os critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando a informação selecionada aos seus valores e conhecimentos;
- utilizem e comuniquem a informação, com propósito específico, produzindo informação ao criar novas necessidades informacionais;
- considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, analisando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos contribuindo para formação da inteligência;
- sejam aprendizes independentes;
- aprendam ao longo da vida (DUDZIAK, 2003, p. 28-29).

O indivíduo competente em informação saberá organizar o conteúdo informacional, analisará a estrutura e a lógica que confirmam argumentos e métodos, que identificam potenciais fontes informacionais, independente do formato e nível de profundidade, são familiarizados com os diversos meios de informação (jornal, revista, *internet*).

Reforçando o que foi dito anteriormente os componentes que confirmam o conceito de *Information Literacy* são:

- O processo investigativo (ou de pesquisa);
- O aprendizado ativo;
- O aprendizado independente;
- O pensamento crítico;
- O aprender ao aprender;
- O aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2001, 61).

Indivíduos competentes assumem uma postura proativa de aprendizado,

demonstrando a incerteza, a assimilação e a consolidação do conhecimento como consequência de desafios a serem superados e compreendem a dimensão desse processo (DUDIAK, 2001).

No próximo capítulo serão apresentados o objetivo geral e os específicos desta pesquisa.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

O projeto tem como objetivo compreender como a Competência em Informação pode contribuir para minimizar os efeitos da desinformação em torno das *Fake News* lançadas nas mídias sociais, em especial na área da saúde.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.2.1 Identificar, mapear e diferenciar epistemologicamente os conceitos *misinformation*, *disinformation*, *fake news* e *information literacy* (Competência em Informação);

4.2.2 Identificar a produção científica nacional e internacional sobre *Fake News* e seus diferentes usos na área da saúde.

A metodologia será baseada em uma pesquisa exploratória nas bases de dados nacionais e internacionais, com a finalidade de identificar e analisar a produção científica sobre os temas: *fake news*, desinformação e competência em informação, conforme descrita no próximo capítulo.

5 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho exploratório, que se apoiará em pesquisa bibliográfica e documental. Contemplará buscas em base de dados nacional e internacional sobre o assunto.

Com a realização destas buscas, visamos atender aos objetivos 4.2.1 e 4.2.2 da pesquisa, quando deverá ser identificada e analisada a produção científica nacional e internacional sobre os temas: *fake news*, desinformação e competência em informação. Esta etapa contemplará os seguintes procedimentos metodológicos.

- a) Planejamento das estratégias de busca com apoio da análise da literatura identificada até o momento e relatada no referencial teórico;
- b) Buscas nas principais fontes de informação da área de Ciência da Informação, como as bases de dados *Library Information Science Abstracts* (LISA), disponível via portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Base de Dados Brasileira em Ciência da Informação (BRAPCI), disponível no site da Universidade Federal do Paraná (UFPR);
- c) Busca nas bases de dados especializadas na área da saúde como Literatura Latino-Americana em Ciência da Saúde (LILACS), disponível no portal do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) e na base Medline, a ser acessada via portal da Pubmed;
- d) Busca nas bases de dados multidisciplinares Scopus e Web of Science, ambas acessíveis via Portal da Capes;
- e) Organização das referências recuperadas em arquivos separados, contemplando as seguintes variáveis para análise: autor, título, data, resumo e palavra-chave;
- f) Reunião dos arquivos em um único consolidado, que mantenha o nome da fonte de busca para identificação e retirada de

duplicatas;

g) Leitura e análise dos títulos e resumos para seleção dos itens relevantes.

h) Identificação das principais experiências e temas da área da saúde relacionadas à Competência em Informação na temática saúde.

Cabe aqui descrever as principais características das fontes a serem consultadas. A Base de dados Library Information Science Abstracts é especializada biblioteconomia e ciência da informação e cobre os textos publicados em periódicos da área da Ciência da Informação. bem como em dois eventos importantes da área, como o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib) e o Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientrometria. Sua interface permite recuperar o conteúdo por título, resumo ou abstract, dados referenciais no idioma inglês. Assim como a LISA, a Base de Dados Brasileira em Ciência da Informação também especializada na área da Ciência da Informação (Arquivologia e Biblioteconomia), cobre os textos publicados em periódicos brasileiros da área da Ciência da Informação. bem como em dois eventos importantes da área, como o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib) e o Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientrometria. No entanto se difere nos idiomas, uma vez que possui artigos científicos nos idiomas português e inglês. A base de dados recupera o conteúdo por título, palavras-chave, autores, resumos e referência.

A Base de dados Literatura Latino-Americana em Ciência da Saúde é uma base de dados cooperativa da Rede BVS que compreende a literatura relativa às ciências da saúde, publicada nos países da América Latina e Caribe. A recuperação nesta base de dados é feita por “palavras do título do artigo”, “palavras do resumo”, “autor (es)” e por “descritores de assunto”. Os artigos encontram-se em sua maioria nos idiomas português, inglês e espanhol. Usa-se o símbolo \$ (cifrão) para palavras com mesmo radical, exemplo: Inf\$ recupera informação, informacional.

6 RESULTADOS ESPERADOS

As mídias sociais ganharam espaço no contexto atual. Produzimos, usamos e compartilhamos informação sem nos dar conta. Ao recebermos uma informação, muitas das vezes, replicamos sem ao menos checarmos se de fato a informação é verdadeira. As tecnologias de informação unidas às mídias sociais não são culpadas pela disseminação de informação inverídica, mas sim facilitadores.

O projeto traz como proposta para minimizar os efeitos provocados pelas *Fake News* a Competência em Informação; uma vez que se entende “que tal competência prepara as pessoas para analisar criticamente as informações e permite-lhes usá-las para produzir novos conhecimentos de forma criativa e contextualizada” (BRISOLA; BEZERRA 2018, p. 3318).

7 CRONOGRAMA

Atividades	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
Levantamento bibliográfico nas bases de dados												
Organização das referências recuperadas												
Leitura dos dados coletados												
Análise dos dados												
Redação												
Revisão de Texto												

8 ORÇAMENTO

A realização do projeto não envolve custos diretos, uma vez que deverão ser acessadas fontes disponíveis em acesso livre, como a Lilacs e a Brapci e o acesso à base Lisa pode ser feito nas instalações da Fiocruz, ou por acesso remoto mediante senha e login fornecidos pela Fiocruz para seus pesquisadores

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Especialistas discutem desafios para vencer fake news sobre vacinação. **Agência Brasil**: Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-09/especialistas-discutemdesafios-para-vencer-fake-news-sobre-vacinacao>. Acesso em: 25 set. 2019.

ARCHER, Lyvia; CIANCONI, Regina dos Barros. Websites dos arquivos públicos: funções exercidas e recursos de colaboração e interação com os usuários. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 60-76, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5752/7011>. Acesso em: 01 nov. 2019.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O conhecimento, as redes e a competência em informação (ColInfo) na sociedade contemporânea: uma proposta de articulação conceitual. **Perspectiva em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. espec, n. 48-63, out. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/21276/11749>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BENITES, Afonso. A máquina de fake news nos grupos a favor de Bolsonaro no whatsapp. **El País**, Brasília, 28 set. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html. Acesso em: 30 out. 2019.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, n. XIX ENANCIB, 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>. Acesso em: 19 set. 2019.

COSTA, Ellen; ZATTAR, Marianna. Competência em informação na terceira idade: um estudo da prática informacional. **Biblionline**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 80-90, 2018. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/download/8151/5545>. Acesso em: 19 set. 2019.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicação em Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>. Acesso em: 23 ago. 2019.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: uma revolução silenciosa, diferentes concepções para a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

BIBLIOTECONOMIA, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO, 20., 2002, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Febab, 2002. Não paginado. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/3798/>. Acesso em: 22 ago. 2019.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016/1071>. Acesso em: 22 ago. 2019.

FALLIS, Don. What is disinformation? **Library Trends**, v. 63, n. 3, 2015.

GARCIA, Marcelo Pereira. **Disseram por aí:** deu zika na rede! Boatos e produção de sentidos sobre a epidemia de zika e microcefalia nas redes sociais. Orientadora: Janine Miranda Cardoso; Coorientador: Fabio Malini. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. **Rev. Eletron. Comum. Inf. Inov. Saúde**, jan./mar., v. 12, n. 1, p. 9-13, 2018. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1513>. Acesso em: 29 set. 2019.

INTERNATION FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS. Como identificar notícias falsas. **Libray Policy and Advocacy Blog**, Ago. 2019. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/node/11174>. Acesso em: 07 set. 2019.

MARS, Amanda. Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais? **EI País**, Nova York, 25 fev. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html. Acesso em: 30 out. 2019.

SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação: teorias e práxis. In: ZATTAR, Marianna; SÁ, Nysia Oliveira de. **Práticas de competência em informação na literatura nacional**. Gestão da Informação, Comunicação e Tecnologia. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. p. 129-135. ISBN: 978-85-88130-47-0.

STEVANIM, Luiz Felipe. Vacinas contra boatos. **RADIS Comunicação e Saúde**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/vacinas-contraboatos>. Acesso em: 9 set. 2019.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em revista**, v. 13, n. 2, 2017.

DOI: 10.18617/liinc.v13i2.4075 Acesso em: 14 jul. 2019a.

ZATTAR, Marianna. Competência em mídia e em informação no ensino em biblioteconomia: um breve relato de experiência. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. especial, p. 272-279, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3137>. Acesso em: 16 jul. 2019b.

ZATTAR, Marianna. **Desinformação, competência em informação e universidade**. [Rio de Janeiro]: TEDXUFRJ, 2018. 1 vídeo (14 min 10 seg). Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kGnfT4R5mtU>. Acesso em: 8 jul. 2019.

ZATTAR, Marianna; SÁ, Nysia Oliveira de. Práticas de competência em informação na literatura nacional. **Gestão da Informação, Comunicação e Tecnologia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. p. 129-135. ISBN: 978-85-88130-47-0.

ZATTAR, Marianna; SÁ, Nysia Oliveira de; SIQUEIRA, Cristiana. Tendências e perspectivas da competência em informação no Brasil: uma análise da produção científica. ENCONTRO IBÉRICO EDICIC 2017. **Anais...** Universidade de Coimbra, 8., 2017. Disponível em: <http://sci.uc.pt/eventos/atas/edicic2017.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2019.